

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: O GESTOR ESCOLAR DIANTE DA INCLUSÃO DO CANDOMBLÉ BANTO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NA BAIXADA FLUMINENSE¹

Jeusamir Alves Da Silva (Tata Ananguê)²

RESUMO

Com o advento da Lei 10.639/2003/PR, surgiu a oportunidade de elaborar este trabalho, num recorte para a Baixada Fluminense, como objetivo principal de auxiliar o gestor escolar, bem como a sua equipe, quanto a inclusão da cultura e religião bantas no ensino fundamental e médio. Dessa forma estar-se-á preenchendo uma lacuna de quase quinhentos anos na história do Brasil. Ato esse, que dará visibilidade a diversidade da vertente negra ali, introduzida do século XVI ao XIX, os bantos. O objeto do estudo dividiu-se entre terreiros de candomblé banto e escolas da região. A justificativa é que embora o povo banto tenha sido o primeiro a ser introduzido na nova colônia, e responsável junto com o índio e o português, pela construção do Brasil e formação da nossa língua, ainda é um capítulo desconhecido, principalmente nas salas de aulas. A capacitação do gestor e, seus auxiliares, através do candomblé banto é o viés para a inclusão dessa temática na Baixada Fluminense, pois tratar-se de uma região demograficamente banta devido ao grande número de terreiros bantos ali existentes, como forma de resistência, até aos dias atuais. Usou-se a metodologia de transformação dos estabelecimentos de ensino e dos terreiros em uma via de mão dupla, em termos de: palestras, visitas entrevistas e participação em dias de eventos nos terreiros e nas escolas. Também, realizou-se uma pesquisa eletrônica, além de uma revisão bibliográfica. Como o gestor escolar deve atuar diante desse problema? Por que ensinar? E o que ensinar? O resultado alcançado constituiu-se no texto dividido em três respostas referentes a cada uma das três perguntas formuladas. Espera-se que elas possam ajudar o gestor a dialogar com a sua equipe, quanto à realização desta inclusão que envolve não só a sua figura, mas também o corpo docente, discente, profissionais da educação, pais de alunos e a própria comunidade. Espera-se ainda, que esse resultado sirva como inspiração para outras localidades do Brasil desmembrando-se, em vários mecanismos, em prol de visibilidade da diversidade dessa etnia.

Palavras-chave: Educação. Inclusão. Candomblé banto. Gestor escolar.

INTRODUÇÃO

A falta de informações nas grades curriculares do ensino brasileiro, sobre: o papel dos bantos na construção do Brasil, na formação da língua brasileira, e a sua religião como resistência que perdura até aos dias atuais, vem colaborando cada vez mais, com o aumento do preconceito e a discriminação em nosso país.

Com o objetivo de auxiliar o gestor escolar elaborou-se três perguntas cujas respostas transformar-se-ão no texto que auxiliará o seu trabalho, nessa complexa batalha de inclusão

¹ Projeto de pesquisa. “Patrimônio e Candomblé: perspectivas de identidades bantas na religiosidade afro-brasileira na Baixada Fluminense”.

² Mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ. Especialista pela UCAM em: Gestão Escolar: Supervisão, Administração e Orientação. História e Cultura afro-brasileira-brasileira. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense-UERJ. E-mail: febf.uerj@yao.com.br



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>

na educação. A saber: Como o gestor escolar deve atuar diante desse problema? Por que ensinar? O que ensinar?

METODOLOGIA

Utilizou-se a metodologia de visitas não só em dia de festas, mas também no dia a dia dos terreiros, além de entrevistas com dirigentes das casas de candomblés bantos. (Citam-se: os *Tatas e Mam'etus: Matambenganga* do Carmari, *Mufumbie Auíza* da Figueira, *Kewalombo* do Parque Flora, que praticam as duas línguas bantas (*Kimbundu* e *Kikongo*), além do português, em seus terreiros. O mesmo método foi aplicado nos estabelecimentos de ensino, com gestores professores, alunos e comunidade. Somou-se a esta sabedoria consultas eletrônicas em sites, blogs e redes sociais, além de uma revisão bibliográfica composta por autores como: Bezerra (2011), Castro (2009), Figueiredo (2010), Lopes (2011), Luck (2000), garantindo assim, o embasamento do texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados frutos da parceria entre a oralidade e a revisão literária constituíram as respostas apresentadas na composição da discussão do referido trabalho. Espera-se que elas possam ajudar o gestor a dialogar com a sua equipe, quanto à realização dessa inclusão que envolve não só a sua figura, mas, também o corpo docente, discente, profissionais da educação, pais de alunos e a própria comunidade. Espera-se ainda, por motivo dos bantos terem sido distribuídos por todo o território nacional, durante o período colonial, esse resultado venha servir como inspiração para outras regiões do Brasil desdobrando-se em vários encaminhamentos em prol da visibilidade desse povo.

Como o gestor escolar deve atuar diante desse problema? sugere-se, antes de tudo, que o gestor familiarize-se com o assunto, buscando capacitar-se sobre ele. Deve fazer uma pesquisa bibliográfica e eletrônica bem consistente, participar de rodas de conversas com intelectuais orgânicos, realizar entrevistas com sacerdotes da religião banta instrumentalizar-se de forma que possa apresentar a sua equipe e a todas as demais pessoas envolvidas, o tema em pauta com sabedoria, relatividade, reflexão e segurança. Por que ensinar?”, o gestor deve convocar uma reunião com o corpo docente para apresentar e discutir o tema lembrando sempre que trata-se de uma lei federal (10.639/2003/PR) que deve ser cumprida.



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>

Deve ouvir e analisar as opiniões, sugestões, críticas dos docentes e discutir com eles sobre os obstáculos a ser sobrepujados administrativamente, o que demonstrará a sua habilidade em tomar decisões com eficácia. Já o próximo passo será o de convocar, além da sua equipe, pais, alunos e comunidade para apresentar o teor da lei, que obriga o ensino da história do negro na África e no Brasil, no ensino fundamental e médio, sempre solicitando o apoio e ouvindo as opiniões de todos os convocados para o cumprimento da lei em vigor. Nesta área de relacionamento interpessoal/inteligência emocional, o gestor deverá demonstrar as suas habilidades em: comunicar-se eficazmente; mobilizar a equipe escolar e comunidade local; facilitar processo de equipe; desenvolver equipes; negociar e resolver conflitos; avaliar e dar *feedback* ao trabalho dos outros. (LUCK, 2005). O que ensinar dependerá muito da criatividade do gestor, que já devidamente capacitado no tema proporá a criação de mecanismos dentro da própria escola para capacitar e instrumentalizar os professores. De forma que esses últimos deixem bem claro para os seus alunos, que a finalidade da transmissão desse conhecimento é de exclusivo cunho cultural. É uma forma de combater o preconceito e a discriminação, usando como estratégia a informação, através da educação. Além disso, conscientizá-los da importância dos seus papéis como novos atores no preenchimento dessa grande lacuna na História do Brasil.

“O que ensinar”. Partindo da explicação da etimologia da palavra *Bantu*, identificando a região africana de onde foram retirados, até serem desembarcados, no Rio de Janeiro pode ser o fio da meada para um bom começo de ensino. Os demais conteúdos construir-se-ão com o desenvolvimento de pesquisas sobre a temática.

A Palavra *bantu*, plural de *ntu*, em nossa língua pronuncia-se e escreve-se banto. É formada segundo a tradução dos padres jesuítas, por: “BA”, advérbio de quantidade que significa muitos, muitas e “NTU” que corresponde a corpo, homem, indivíduo, pessoas ou etnia. (MAIA, 1961). Vieram por volta de 1565 para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar, café e algodão. O recorte para a Baixada Fluminense justifica-se pelo fato de concentrar-se ali, o maior número de povos africanos bantos, desde a época da escravidão. Haja vista, que as gerações, que mesmo com o pós escravidão, ali permaneceram, transformando a hoje Baixada Fluminense, antigo Recôncavo Guanabará, em uma região

demograficamente banta. (FIGUEIREDO, 2010). Seu *habitat* era a África subsaariana, abaixo da linha do equador. Melhor dizendo a África Centro Ocidental. (BEZERRA, 2011).

Segundo Arthur Ramos, em seu livro “*O Negro Brasileiro*”, Nina Rodrigues, o precursor sobre o estudo do negro no Brasil ignorou a cultura e religião banta (RAMOS, 1934). Mesmo comendo quiabo, abóbora, maxixe, jiló, caruru (culinária banta), mesmo ouvindo e pronunciando palavras oriundas do banto como: quenga, quitanda, muxoxo, entre outras. (LOPES, 2011). Dada a complexidade banta, os demais conteúdos como: panteão religioso, diferenças, linguagem, artes, entre outros, adequar-se-ão aos anos correspondentes aos respectivos níveis do ensino fundamental e médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborou-se um breve texto para auxiliar o gestor escolar, sobre a saga dos bantos na África e no Brasil, onde garantiu-se a oralidade, pelas entrevistas concedidas por respeitáveis sacerdotes e sacerdotisas do candomblé banto. Já a revisão literária contou com o valioso referencial teórico doado pelos escritores consultados. Portanto, nada mais justo, do que perseverar pela inclusão desses conhecimentos dentro da sala de aula, o que, conseqüentemente, espalhar-se-á pelo mundo, graças ao advento do computador e da internet. Todavia, como qualquer outra área da educação, essa inclusão depende da gestão escolar, administração, supervisão e orientação para a aplicação de seus conteúdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Nielson Rosa. *A Cor da Baixada: Escravidão, liberdade e pós abolição no recôncavo da Guanabara*, Duque de Caxias, Ed. APPH-CLIO, 2011.

FIGUEIREDO, Maria Aparecida de. GÊNESE E(RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA BAIXADA FLUMINENSE. *Revista geo-paisagem (online)*, ano 3, nº. 5, janeiro/junho de 2004. ISSN Nº 1677-650X. Revista anexada ao Latindex.

LOPES, Ney. *Novo Dicionário Bantu do Brasil*, 2ª Ed, RJ, Pallas, 2011.

LUCK, Heloísa. *Liderança em gestão escolar*. Petrópolis. Vozes. 2008.

MAIA, Padre Antonio, Da Silva, *Dicionário Complementar Português – Kimbundu – Kikongo: línguas nativas do centro e norte de Angola*, Tipografia das Missões, CUCUJÃES -



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>

RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*, RJ, Biblioteca de divulgação, setembro de 1934.

RODRIGUES, Nina. *“Os Africanos no Brasil”*, 4ª. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>